

Apadrinhando adolescentes acolhidos

Marcia Porto Ferreira
Psicóloga e psicanalista

Sobre adolescentes

Início algumas reflexões sobre o acolhimento institucional de adolescentes remetendo-me ao artigo de Joel Birman (2005), “Tatuando o desamparo”. Fiel a uma forma foucaultiana de pensar, lembra-nos de que, assim como Philippe Ariès (1960) problematizou o conceito de *criança*, é necessário fazermos o mesmo com o conceito de *adolescente*. Ariès nos mostra que o sentimento sobre a criança não foi sempre o mesmo, como se tende a pensar, nem a criança foi sempre considerada diferente dos adultos. O encantador quadro de Pieter Bruegel, *Jogos infantis* (1560), ilustra bem o olhar dos adultos daquela época sobre as crianças, como sendo miniaturas de adultos. Não é retratada qualquer distinção entre eles. Ou seja, Joel Birman põe em questão uma atual crença num certo naturalismo biológico das idades da vida, contextualizando essas idades tanto nos diferentes momentos históricos quanto nos diferentes segmentos sociais de uma mesma época. Então, há que se contextualizar historicamente a adolescência de nossos dias, circunscrita à sociedade ocidental, mas também numa determinada condição sócio-político-cultural, para podermos pensar mais particularmente sobre nossos adolescentes acolhidos.

Abreviadamente, diria que Birman nos mostra como a adolescência de nossos dias, em geral, tem surgido mais cedo e se prolongado, provocando, portanto, um encurtamento da infância.

Os jogos eletrônicos e a televisão são lembrados para ilustrar a solidão da infância contemporânea. Sabemos como o brincar não é somente uma diversão para as crianças; brincar é coisa séria. É brincando que a criança compartilha e elabora suas angústias, constituindo, assim, a condição de possibilidade de troca com o outro. A solidão de nossas crianças de que nos fala Birman, portanto, é também para adquirir recursos psíquicos para saber viver, uma vez que são muito frequentemente abandonados à abusivamente excitante presença tecnológica. Considerando a importância que a psicanálise dá às vivências e trocas dos primeiros anos para o futuro sujeito, essa solitária, encurtada e abusada infância promete preocupantes repercussões para os anos posteriores. A partir disso podemos inferir que, em nossos dias, a adolescência aparece mais cedo, e por contar com recursos psíquicos mais precários, dura mais tempo do que nas gerações anteriores.

Adolescentes acolhidos – identificações violentadas e violentas

Mas o que pensar, então, sobre adolescentes da atualidade que frequentemente tiveram precoces e bruscas rupturas em sua vida familiar e que, pela maioridade, estão prestes a sair das instituições de acolhimento? Com que recursos psíquicos e sociais contam para fazer a passagem de perturbadoras cenas familiares para a cena social, mediadas pelo acolhimento institucional?

Sabemos que as instituições de acolhimento não são homogêneas, mas a realidade nos faz constatar que, grande parte delas apresenta muita dificuldade em preparar seus adolescentes para uma eminente vida autônoma. Se aos 18 anos esses adolescentes são desacolhidos, certamente muitas dificuldades, de várias ordens, terão que enfrentar.

Parece importante salientarmos que esses jovens sofrem, desde sempre, o desprezo que a sociedade em geral transmite, não somente sobre eles, mas fundamentalmente sobre seu entorno, sua família, suas origens, sua história. Sobre a falta de um lugar dignificante para essa parcela de nossa população, Giorgio Agamben nos lembra que na antiguidade grega havia a figura do *homo sacer*, que era um ser humano invisível, destituído de cidadania, reduzido à vida nua. É aproximadamente essa imagem que podemos atribuir ao olhar da sociedade sobre a origem, a família, as figuras primárias desses adolescentes acolhidos.

Ou seja, esses adolescentes percebem como são olhados quando ultrapassam a invisibilidade, e como a sociedade olha para todo seu entorno sem os enxergar como sujeitos de direitos e de desejos. Para não sucumbir a essa precoce e violenta desidealização e desilusão de figuras primárias e fundantes, esses jovens sujeitos podem forjar a necessidade de buscar por violentas identificações, apresentações e representações, como formas de afirmar sua existência.

Com isso gostaria de alertar para que não apressássemos a conclusão de que a violência das grandes cidades é praticada pelos sujeitos violentados, tornando mal vistos, conseqüentemente, esses invisíveis adolescentes. Gostaria, além disso, de salientar as primárias violências das cidades sobre esses sujeitos, e que pouquíssimo é feito para tentar reverter ou mesmo minimizar os danos a eles causados. Creio que nestes nossos temerosos tempos, precisamos nos esmerar por buscar linhas de fuga, como diria Foucault, resistências vitais a mortíferos convites que, muito convenientemente às perversas forças dominantes, nos podem deixar paralisados, melancolizados diante de tanta violência que certamente gera mais violência.

Winnicott (1984) muito contribuiu para se alcançasse um olhar menos severo sobre os comportamentos antissociais daqueles que se encontram em estado de privação psíquica. O delito, para ele, é uma aposta, uma esperança de vida para aqueles que se veem muito ameaçados de sucumbir às angústias impensáveis.

Apadrinhamento afetivo – enlaçando novas e antigas formas de amar

E, é nesse sentido que, numa proposta subjetivante, tenho entendido que precisamos apostar muito em práticas potentes que deem visibilidade e voz aos silenciamentos. Acredito firmemente que o apadrinhamento afetivo de adolescentes acolhidos é uma delas. E por várias razões.

A experiência que vimos ser realizada no Grupo Acesso tem mostrado que o apadrinhamento afetivo pode fazer furo em alguns instituídos que entendemos ser enclausurantes e des subjetivantes.

Pensamos que o apadrinhamento afetivo pode ajudar a desconstruir a idealização da limitante família nuclear burguesa, ainda firme e forte em nossos discursos, potencializando a relativa abertura para novas configurações familiares e sociais. Joel Birman, mais uma vez pode nos ajudar a constatar como essa mesma família nuclear burguesa, cantada em rimas e versos, é altamente perniciosa, principalmente no que se refere aos cuidados com as crianças e adolescentes. Em a *Evolução da Família* (YouTube), ele nos conta

que a forma como entendemos família na contemporaneidade é datada historicamente. A ideia de família foi mudando no decorrer da história. Antes da Revolução Industrial, séculos XVIII e XIX, portanto, a sociedade se organizava de forma menos privada, mais comunitária, e a família extensa, não necessariamente constituída por laços de parentesco, se responsabilizava pelos cuidados com as crianças.

Em uma palestra ao Tribunal de Justiça eu brinquei com uma ideia que me parece plausível de ser repetida: o apadrinhamento afetivo não deixa de ser um *retorno do recalcado*: o retorno da recalcada família extensa de tempos menos individualistas do que os nossos. Se quisermos ser mais contundentes, poderemos afirmar que a família de depois da Revolução Industrial é antissocial, grandemente narcisista, uma vez que empobrece os laços que unem crianças e adultos fora do âmbito privado e de parentesco.

Sobre esse empobrecimento dos laços sociais, podemos nos lembrar, também, do esforço que tivemos que fazer para defender a legitimidade, não apenas jurídica, da adoção de crianças, principalmente maiores e adolescentes, uma vez que não combina com um ideal de família inventado para colocar as formas de viver a serviço dos poderes econômicos dominantes. Da mesma forma, precisamos lutar muito para legitimar a adoção monoparental e homoparental, porque é diferente do padrão pai, mãe e filhos biológicos da família nuclear burguesa.

Desconstruindo instituídos para instituir

É nessa direção, fazendo valer a ética psicanalítica que busca promover que o sujeito se apresente, que o Núcleo Acesso, originalmente conhecido como Grupo Acesso, desenvolve o programa de apadrinhamento afetivo de forma tal que não escolhemos quem apadrinha quem, nem a forma como cada um inventa ser padrinho e afilhado. Dá muito mais trabalho, certamente, mas mais credibilidade na sua consistência.

Aliás, algo que frequentemente discutimos em nossos grupos é o nome desse programa. *Apadrinhamento* necessariamente remete mais diretamente à *substituição* da família de origem cristã, e secundariamente à *ampliação* de laços amorosos. A ideia que propomos é a da afirmação de uma forma de laço social e de expressar amor que não necessariamente precise se espelhar em qualquer outra imagem: mais positiva e legítima, portanto. Na medida em que primamos pela multiplicidade de invenções do humano, tal como a psicanálise preconiza, não trabalhamos no sentido de reproduzir uma prática religiosa, por melhor que seja, na tentativa de garantirmos a diversidade.

Seguimos usando o termo “apadrinhamento” na medida em que esse programa está assim nomeado.

Apadrinhamento e adoção

O apadrinhamento afetivo problematiza tanto a idealização sobre certa concepção de família quanto as múltiplas formas de cuidar de crianças e adolescentes.

No imaginário social, incluindo seriamente o imaginário das crianças e adolescentes acolhidos, toda e qualquer aproximação dos adultos a essas crianças e adolescentes deveria ter *naturalmente* a adoção como ideal e meta. Trabalhamos no sentido de que a adoção não precisa ser necessariamente a proposta dos padrinhos nem dos afilhados, embora seja uma possibilidade, porque, como disse, apostamos na potência criativa das

várias formas de amor, de investimentos amorosos de laços sociais, principalmente quando dirigidos a sujeitos em constituição. Ou seja, sem banalizar a complexidade do que é da ordem do desejo, temos que incluir que o imaginário também é construído socialmente e a sociedade ocidental contemporânea oferece reduzidas formas de sonhar, reduzidas formas de vinculações. O apadrinhamento afetivo pode vir a ganhar legitimidade no imaginário social da mesma forma que as paternidades adotivas conquistaram, assim como as homoparentalidades e monoparentalidades ganharam, apesar das resistências ou descréditos de grupos conservadores, como continuamos assistindo acontecer. Penso ser quase dispensável justificar a relevância desse programa, que amplia os repertórios de laços sociais e amorosos possíveis para esses jovens, mas amplia também os repertórios e ofertas da comunidade em geral. Se contextualizarmos o adolescente de nossos tempos, como fizemos no início deste artigo, veremos que o desamparo dos adolescentes se agrava enormemente naqueles que estão prestes a serem desacolhidos. Nesse sentido, esse programa pode se tornar um grande alento.

Grupo

Outra proposta fundamental em nossa prática é a aposta no *trabalho grupal*. O histórico de vários de nós em formação teórica, abordagens grupais e experiências em comunidades terapêuticas, em particular na Comunidade Terapêutica Infância, do saudoso Dr. Di Loretto, nos convence de que grande parte do sucesso do apadrinhamento é esperada pelo investimento, não nos padrinhos isoladamente, mas no grupo que vai se formando nas reuniões com eles realizadas.

Diferente de um mero agrupamento, trabalhamos no sentido de facilitar a emergência de um espírito grupal que potencialize a força necessária para lidar com situações muito difíceis que o universo do acolhimento institucional, de grande vulnerabilidade social e psíquica, exige. Certamente esse é um grande desafio, e por isso mesmo instigante, na medida em que a contemporaneidade perdeu há algum tempo a aposta no grupo, na coletividade, na comunidade, porque foi doutrinada a pensar de forma eminentemente individualista. É muito interessante constatar como os padrinhos começam esse processo muito preocupados em escolher e serem escolhidos, para se abrirem para compartilhar o que e como essa experiência os afeta, de forma mais generosa e menos competitiva. Os padrinhos, em depoimento, recorrentemente afirmam que não ganharam apenas afilhados, mas uma surpreendente vivência grupal.

Outra concepção importante para nós é a de *referência*. Baseamo-nos em muitos trabalhos grupais e institucionais, especialmente em saúde mental e educação, que sustentam a potência da eleição, de preferência espontaneamente, de uma figura de referência significativa para cada sujeito em questão. Nesse sentido, pensamos que o grupo de padrinhos vai sendo gradativamente colocado na função de referência para a vida desses jovens, cada um à sua maneira. E mais: trabalhamos de forma tal que um adolescente possa ter mais de um padrinho, tanto quanto um padrinho pode ter mais do que um afilhado, se desejar, tentando fugir da lógica padrão de fundamentais exclusividades, para ganhar nas qualificadas multiplicidades. As escolhas são complexas e eu não conseguiria simplificarmente descrevê-las. Aproximadamente, poderíamos dizer que depois de vários encontros entre padrinhos e afilhados, ouvimos as escolhas dos adolescentes e as comunicamos aos padrinhos, dando um especial crédito para as impressões

dos padrinhos, acreditando que seja fundamental estes últimos serem muito escutados para que possam sustentar sua função.

Uma rede rizomaticamente implicada

Um conceito também muito considerado neste trabalho é o de *implicação*. Procuramos nos empenhar, através de variados dispositivos, no sentido de alcançar uma significativa apropriação de todos os envolvidos nesse programa: a equipe do Núcleo Acesso, os adolescentes, os padrinhos, os Saicas, os técnicos das Varas da Infância e Juventude e quem no caso a caso se fizer necessário. Se nossa proposta é o trabalho em rede, mas uma rede *rizomática*, ou seja, sem uma rigidez na sua formação, podendo se desenhar no caminho, tomando variados contornos, tal qual a grama *rizoma*, o programa de apadrinhamento afetivo nos mostra muito trabalho ainda por ser feito. Sabemos da imensa contribuição e da grande implicação do Tribunal de Justiça com esses meninos e meninas que se veem às portas dos Saicas, a caminho de saírem de lá, muitas vezes, para acabar em lugar algum. Temos que investir mesmo e muito no chamamento, na implicação da sociedade para se deparar com as mazelas sociais. Porém, tememos que sem uma maior implicação de políticas públicas, fundamentalmente levadas pela assistência social, Creas e Cras, estejamos jogando no colo da população, dos padrinhos, aquilo que teriam que suprir em decorrência de uma omissão do Estado. Ou seja, tememos que nosso trabalho acabe servindo para acobertar as omissões das políticas públicas que prometem direitos para todos. Por outro lado, apostamos que a aproximação da sociedade em geral à realidade dos acolhimentos institucionais, com o programa de apadrinhamento afetivo, também possa escancarar e tornar mais ruidosas essas mesmas omissões. Que este programa, então, provoque produtivos incômodos!

Acho que poderia encerrar com o convite e desejo de que continuemos permanentemente a nos juntar, de diversas formas para afinarmos e refinarmos a rede em construção, sempre com a alegria que esses encontros costumam provocar.

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.
- AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BIRMAN, Joel. *Tatuando o desamparo*. [S. l.], 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2WMhvb9>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- ROSA, Miriam Debieux. Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 227-241, 2002.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958.
- WINNICOTT, Donald Woods. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1965a.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1965b.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

